

DESCONSTRUINDO O PATRIARCADO: A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE SAUDÁVEL FRENTE AO MACHISMO, À MISOGINIA E AO FEMINICÍDIO NA CONTEMPORANEIDADE

DECONSTRUCTING PATRIARCHY: THE CONSTRUCTION OF HEALTHY MASCULINITY IN THE FACE OF MACHISM, MISOGYNY, AND FEMICIDE IN CONTEMPORARY SOCIETY

 <https://doi.org/10.63330/armv2n8-008>

Submetido em: 20/08/2026 e Publicado em: 25/08/2026

ARM: e262162

Marco Antônio Teixeira de Paula

Mestrando em Teologia, Faculdades EST, Brasil

E-mail: marcodepaula137@gmail.com

Silvia Clícia Corrêa dos Santos de Paula

Mestranda em Teologia, Faculdades EST, Brasil

E-mail: silviaclicia@gmail.com

Resumo

O presente artigo desenvolve uma reflexão crítico-analítica sobre a urgência de desconstruir a masculinidade hegemônica e refundar o processo experiencial masculino sobre bases éticas, afetivas e relacionais saudáveis, em um cenário social marcado pela maximização do machismo, da misoginia e do feminicídio. Parte-se da premissa de que a violência de gênero não constitui um desvio individual, mas um sintoma estrutural de uma pedagogia patriarcal que educa os homens para o domínio, o silenciamento emocional e o controle sobre os corpos e vidas das mulheres. Objetiva-se fundamentar o conceito de masculinidade saudável como uma práxis emancipatória calcada no respeito, na valorização e no apreço inegociáveis à dignidade, autonomia e integridade feminina. A metodologia amparou-se em uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e crítica, ancorada em obras e autores contemporâneos dos estudos de gênero, da sociologia, da psicologia e da antropologia. Conclui-se que a superação da barbárie misógina exige que os homens assumam a responsabilidade histórica de dismantelar o pacto narcísico da virilidade violenta, ressignificando o afeto, o cuidado e a alteridade como pilares de uma nova sociabilidade fundada na equidade de gênero.

Palavras-chave: Equidade de Gênero; Feminicídio; Masculinidade Saudável; Misoginia; Patriarcado.



Abstract

This article develops a critical-analytical reflection on the urgency of deconstructing hegemonic masculinity and rebuilding the male experiential process on healthy ethical, affective, and relational foundations, within a social context marked by the intensification of machismo, misogyny, and femicide. It is based on the premise that gender-based violence does not constitute an individual deviation, but rather a structural symptom of a patriarchal pedagogy that educates men for domination, emotional silencing, and control over women's bodies and lives. The objective is to substantiate the concept of healthy masculinity as an emancipatory praxis grounded in unwavering respect, appreciation, and regard for women's dignity, autonomy, and integrity. The methodology was based on a qualitative and critical bibliographic review, drawing on works by contemporary authors in gender studies, sociology, psychology, and anthropology. It concludes that overcoming misogynistic barbarism requires men to assume the historical responsibility of dismantling the narcissistic pact of violent virility, reframing affection, care, and otherness as pillars of a new form of social relations founded on gender equity.

Keywords: Femicide; Gender Equity; Healthy Masculinity; Misogyny; Patriarchy.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea assiste a uma alarmante e dolorosa contradição: no exato momento em que as lutas feministas e os direitos das mulheres conquistam visibilidade institucional e respaldo jurídico, as estatísticas de violência doméstica, assédio, estupro e feminicídio atingem patamares estarrecedores. A misoginia não apenas persiste, mas rearticula-se em discursos de ódio digitais, em movimentos de reação latente masculina e em práticas cotidianas de objetificação que insistem em inferiorizar e dominar as mulheres a qualquer custo. O feminicídio representa o ápice nefasto dessa cadeia de violência: a eliminação física da mulher pelo simples fato de ser mulher ou por recusar-se a submeter-se à tutela e à posse masculina.

Frente a essa tragédia de pujante impacto social, torna-se imperativo problematizar a matriz geradora dessa violência: a edificação social e subjetiva da masculinidade tradicional. Desde a infância, os indivíduos do sexo masculino são submetidos a um processo de socialização que associa a virilidade à agressividade, ao domínio, à insensibilidade e à negação da vulnerabilidade. O machismo estrutural “ensina” o homem a enxergar a mulher não como uma pessoa autônoma e de direitos, mas como um objeto de uso e validação de seu próprio status perante os demais homens.

O objetivo deste artigo é sustentar que a superação da violência contra a mulher não será alcançada apenas com o endurecimento penal ou com o socorro às vítimas; é indispensável uma intervenção profunda no cerne do problema, isto é, na desconstrução do modelo patriarcal e na emergência de uma masculinidade saudável. Esta não deve ser entendida como uma mera concessão benevolente do homem em relação à



mulher, mas como um imperativo ético, relacional e humano no qual o respeito, o apreço, a admiração e a valorização irrestrita da mulher constituem pilares absolutamente inegociáveis e de dignidade social.

O texto estrutura-se em três eixos críticos: o primeiro analisa os dispositivos da masculinidade hegemônica e a pedagogia da crueldade que culminam na misoginia e no feminicídio; o segundo examina a mutilação emocional do homem patriarcal e as contribuições do pensamento crítico para a mudança subjetiva dos homens; e o terceiro desenha as bases de uma práxis da masculinidade saudável centrada no cuidado, no afeto e na alteridade irrenunciável.

2 A PEDAGOGIA DA CRUELDADE E OS DISPOSITIVOS DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: AS RAÍZES DA MISOGINIA E DO FEMINICÍDIO

A violência contra as mulheres não é um acidente biológico e tampouco um fruto de loucura ou paixão descontrolada; ela é o resultado direto de uma engrenagem sociocultural e política denominada patriarcado. Conforme menciona a socióloga Heleieth Saffioti (2015), o patriarcado é um sistema de dominação-exploração que articula gênero, raça e classe, conferindo aos homens o poder de tutela, posse e controle sobre os corpos, a sexualidade e a vida das mulheres. Essa estrutura sustenta-se mediante a naturalização de papéis rígidos de gênero e a constante ameaça da violência física e simbólica. Como apontam Klemz, Rodrigues e Rodrigues (2025), a naturalização da desigualdade de gênero e a legitimação histórica da subserviência feminina foram frequentemente referendadas por narrativas culturais e religiosas que reforçam a tutela masculina, tornando imperativo desvelar como esses discursos moldam a subjetividade e a dominação patriarcal contemporânea.

No plano da constituição das subjetividades masculinas, a psicóloga Valeska Zanello (2018) identifica o funcionamento de um dispositivo da masculinidade. Segundo a autora, os homens em nossa cultura são socializados prioritariamente através de duas prateleiras: a prateleira da eficácia, relacionada ao desempenho laboral, financeiro e social, e o imperativo do consumo das mulheres, pautado pela heterossexualidade compulsória demonstrada pela conquista, posse e dominação sexual. Para o homem formado por esse dispositivo, a mulher deixa de ser vista em sua alteridade plena para tornar-se uma moeda de troca e validação perante os seus pares masculinos. A virilidade, nesse contexto, precisa ser constantemente comprovada mediante a demonstração de força, poder e controle.

Esta dinâmica encontra contextualização quando se conceitua a violência de gênero como uma pedagogia da crueldade. Os crimes misóginos e os feminicídios não se dirigem apenas às vítimas individuais; constituem uma linguagem discursiva que o homem emite para a sua confraria masculina, ou seja, o "tribunal dos outros homens". A agressão ou o assassinato de uma mulher funciona como uma reafirmação de potência e soberania do agressor diante da perda real ou imaginada de seu poder de domínio pleno. O feminicídio é, assim, o resultado trágico de uma masculinização pautada no imperativo do controle



absoluto: quando a mulher exerce sua autonomia e rompe o pacto de submissão, a masculinidade hegemônica responde com a destruição daquela vida que se recusou a ser possuída.

A dinâmica da masculinidade hegemônica reproduz-se de forma intencional e pedagógica no âmago social. Primeiramente, opera-se uma socialização voltada para o domínio, marcada pela supressão precoce das emoções e pela apologia à força física e verbal. Em seguida, aciona-se o dispositivo da virilidade, no qual o homem busca incessantemente a aprovação dos outros homens, tipificando uma certa sensação de domínio e reconhecimento. Esse movimento culmina na objetificação feminina, na qual a mulher é reduzida a um símbolo de poder e posse. Por fim, diante de qualquer sinal de autonomia ou recusa feminina, a masculinidade tradicional responde com a reação misógina, que pode variar do assédio e da violência psicológica ao extremo da eliminação física.

A cientista social Raewyn Connell (2013) cunhou a expressão masculinidade hegemônica para designar esse padrão culturalmente normativo que exige a subordinação das mulheres e a marginalização de outras formas não-violentas de ser homem. A misoginia é o combustível que alimenta essa hegemonia: a aversão, o desprezo e o ressentimento sistemático contra o feminino operacionalizam como mecanismos de defesa de um privilégio histórico que recusa a igualdade e a dignidade humana das mulheres.

3 A MUTILAÇÃO EMOCIONAL DO HOMEM PATRIARCAL E O DESEJO DE MUDAR

Ao denunciar as atrocidades causadas pelo machismo à vida das mulheres, a teoria crítica analisa simultaneamente as sequelas que a própria estrutura patriarcal produz na psiquização dos homens. Desta forma Zanello (2018), analisa criticamente o custo humano da masculinização tradicional. O dispositivo da masculinidade exige dos meninos uma interdição severa dos afetos logo nos primeiros anos de vida: para se tornarem "homens de verdade", eles são induzidos a castrar sua capacidade de sentir, de chorar, de expressar vulnerabilidade e de cultivar a empatia, canalizando o sofrimento prioritariamente para a busca por eficácia e para a agressividade. A cultura machista ensina que amar, cuidar e demonstrar fragilidade são atributos associados ao feminino e, portanto, socialmente desvalorizados. O único sentimento que a estrutura patriarcal autoriza o homem a expressar livremente é a raiva, fazendo com que homens e meninos aprendam a converter dor, medo, frustração e tristeza em isolamento psíquico e comportamento ostensivo de dominação.

O processo de mutilação contínua afetiva imposto por essa ordem desenrola-se mediante o veto sistemático à vulnerabilidade e a interdição da empatia. Paralelamente, concede-se uma autorização explícita para o exercício da raiva, cultuada e propagada como a única manifestação emocional condizente com o imperativo da virilidade. Essa assimetria emerge em um quadro severo de “analfabetismo emocional”, caracterizado pela incapacidade de nomear os próprios afetos, pelo distanciamento relacional e pela propensão ao exercício do abuso e do controle nas dinâmicas interpessoais. Criados sob o imperativo



do desempenho e do fechamento afetivo, os sujeitos masculinos encontram sérias barreiras para estabelecer conexões autênticas, horizontais e de cuidado mútuo.

A consequência dessa dinâmica é desastrosa tanto para a saúde mental dos homens que apresentam taxas alarmantes de suicídio, alcoolismo, comportamentos de risco e mortes violentas Zanello (2018), quanto, de forma dramática, para a vida das mulheres que com eles convivem. Incapaz de processar frustrações e de reconhecer a alteridade da parceira, o sujeito socializado no patriarcado recorre frequentemente à violência e à coerção como únicos recursos conhecidos para restabelecer sua autoridade quando esta se percebe ameaçada.

Superar esse diagnóstico exige compreender que a masculinidade não constitui um dado biológico imutável, mas sim uma construção histórica, cultural e performativa. Conforme destaca Daniel Welzer-Lang (2001), a transformação das masculinidades passa inevitavelmente pelo desmantelamento das chamadas "casas dos homens" e pela ruptura da cumplicidade diante do machismo, das agressões e das piadas reproduzidas entre pares. O movimento em direção à emancipação em relação à barbárie patriarcal exige a coragem ética de encarar a própria participação na manutenção do sistema, viabilizando o letramento de gênero e a reconstrução integral da vida afeto-existencial masculina.

4 PELA RELAÇÃO DE ALTERIDADE E RESPEITO INEGOCIÁVEL: PRÁXIS DA MASCULINIDADE SAUDÁVEL

Diante da urgência de deter a tragédia do machismo e do feminicídio, o conceito de “Masculinidade Saudável” emerge não como um jargão de autoajuda, mas como uma práxis política, ética e pedagógica de desconstrução de privilégios e reconstrução das relações sociais que prezem pela dignidade humana. Uma masculinidade só pode ser considerada autêntica e verdadeiramente saudável quando assume o respeito, a admiração, o apreço e a valorização das mulheres como princípios absolutos e inegociáveis de uma sociedade visionária e solidária com todas suas complexidades e diferenças contidas em seus cotidianos.

Em contraposição direta ao modelo hegemônico, a emergência de uma masculinidade saudável exige a reconfiguração radical das atitudes e valores masculinos nas mais diversas dimensões da vida social. Enquanto o paradigma tóxico pauta a inter-relação com a mulher pela posse, pelo controle e pela objetificação, o paradigma emancipatório fundamenta-se no reconhecimento pleno da alteridade, na equidade e no apreço irrestrito.

Nessa perspectiva, Charles Klemz (2023) argumenta que a efetivação da dignidade humana requer uma mudança estrutural de mentalidade e de agir orientada pela ética da alteridade, superando a imposição de padrões hegemônicos que classificam e marginalizam o outro para afirmar o valor incondicional de cada existência.



A reconfiguração atinge igualmente a esfera afetiva e o pacto social entre os próprios homens. Onde antes vigorava a repressão emocional e a canalização da dor em agressividade, a masculinidade saudável introduz o acolhimento da vulnerabilidade, a inteligência afetiva e a capacidade de cuidar. No âmbito comunitário, rompe-se com a cumplicidade silenciosa que naturaliza piadas misóginas e comportamentos abusivos entre pares, substituindo-a por uma postura ativa de confronto ao machismo, denúncia e responsabilidade pública.

Para que essa práxis se materialize no cotidiano, o primeiro passo fundamental consiste na desconstrução da ideia de posse e na afirmação intransigente da autonomia feminina. O homem precisa assimilar que o respeito à liberdade da mulher sobre suas escolhas profissionais, afetivas, estéticas e de estilo de vida é um pré-requisito ético incontornável. A recusa ou o término de um relacionamento devem ser processados com maturidade, eliminando qualquer contextualização para ressentimentos violentos ou tentativas de retaliação.

Ademais, torna-se indispensável a incorporação do ethos do cuidado nas rotinas masculinas. Historicamente transferido de forma desproporcional para as mulheres, o trabalho doméstico, emocional e educacional deve ser assumido com corresponsabilidade integral. O investimento no cuidado com a casa, com os filhos e com a sustentação afetiva das inter-relações não diminui a identidade do homem, mas a humaniza e a liberta dos estereótipos de provedor distante. Por fim, essa mudança exige a ruptura definitiva com o pacto de masculinidade cúmplice. O homem genuinamente comprometido com a equidade não se omite diante de comportamentos machistas de seus pares, atuando como um agente de transformação no combate às agressões e ao desrespeito.

A transformação dos homens demanda a redescoberta do amor como práxis política social humana. O amor patriarcal, focado no domínio e no controle, precisa ceder lugar a um amor fundado na justiça, no respeito mútuo, na honestidade e no compromisso com o crescimento do outro. Valorizar de forma inegociável as mulheres significa reconhecer sua liderança, sua capacidade intelectual, sua subjetividade e sua autonomia como bens inestimáveis para a edificação de uma sociedade justa e verdadeiramente democrática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O combate ao machismo, à misoginia e ao feminicídio não é uma pauta exclusiva das mulheres; é uma emergência civilizatória que exige o engajamento ético, direto e inadiável de todos os homens. A manutenção do modelo de masculinidade hegemônica provou ser uma fonte inesgotável de dor, destruição de vidas e barbárie social. Não é mais tolerável que homens continuem justificando a violência sob o manto da tradição, da ignorância ou do descontrole emocional.



A edificação de uma masculinidade saudável coloca-se como um divisor de águas historicamente contextualizado. Mudar a forma como os meninos são educados e como os homens adultos percebem a si mesmos e às mulheres é a única via sustentável para interromper o ciclo intergeracional da violência de gênero. Isso requer políticas públicas de educação para a igualdade de gênero desde a infância, grupos reflexivos para homens, campanhas de conscientização e, acima de tudo, uma disposição íntima dos homens para desaprender o machismo e abrir-se à vulnerabilidade e ao afeto.

Conclui-se que o respeito, o apreço, a admiração e a valorização das mulheres não são concessões a serem negociadas, mas pré-requisitos éticos fundamentais para a própria dignidade humana dos homens. Apenas quando o indivíduo masculino for capaz de olhar para a mulher e enxergar uma pessoa plena, livre e igual, despido de qualquer impulso de posse ou dominação, será possível edificar uma sociedade na qual o verbo viver não seja, para as mulheres, um ato diário de coragem, mas o exercício pleno de sua liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2734>. Acesso em 10 ago. 2026.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

KLEMMZ, Charles. Inclusão ou diversidade? **Identidade!**, São Leopoldo, v. 28, n. 1, p. 385–397, 2023. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/Identidade/article/view/2646/2299>. Acesso em 20 ago. 2026.

KLEMMZ, Charles; RODRIGUES, Nina Gabriela Ponne; RODRIGUES, Vagner de Souza. Fé e tempo na série Outlander: reflexões sobre gênero, patriarcado e religião na cultura contemporânea. **Cult de Cultura: Revista Interdisciplinar sobre Arte Sequencial, Mídias e Cultura Pop**, São Leopoldo, v. 2, n. 1, 2025.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino**: alguns momentos decisivos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>. Acesso em 10 ago. 2026.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.